



A PRAÇA DA INFÂNCIA PERDIDA

Estava passando as férias na cidade da minha avó, como de costume. Sempre vou para lá com meus pais no final do ano, desde que era pequena. O lugar onde ela mora é no interior e possui pouquíssimos habitantes. Todos os dias, acordo, tomo meu café e logo em seguida vou para o quintal da casa dela, onde me sento um pouco e fico observando a praça do outro lado da rua, um lugar onde, há dez anos, eu brincava o dia todo com meus amigos.

Infelizmente, percebo que aquele local não é mais o mesmo. Não vejo mais pessoas se encontrando para conversar e muito menos crianças brincando ao redor. O tempo vai passando, a tecnologia vai avançando e, inevitavelmente, atinge o mundo todo. As risadas, brincadeiras e conversas deram lugar aos cliques e toques em aparelhos eletrônicos.

Atualmente, é muito raro crianças brincarem fora de suas casas. Os pais, preocupados com a segurança e a praticidade, entregam aos seus filhos um universo totalmente digital, que parece infinito. Aplicativos educativos e jogos interativos acabaram se tornando os novos “brinquedos” de hoje em dia. As interações entre crianças foram trocadas por avatares e personagens fictícios. A imaginação ainda existe, porém, dentro de uma caixa retangular.

A tecnologia trouxe muitos avanços, não dá para negar. Mas as crianças precisam de tempo para serem crianças, para correr, se sujar, cair e levar tombos. Precisam daqueles momentos de tédio que despertam a criatividade e que trazem boas memórias no futuro, algo que nenhuma tela irá proporcionar.

O parque espera, paciente e silencioso, por um futuro em que as risadas voltem a preencher o ambiente e as telas sejam apenas uma pequena parte da vida, mas não o centro dela. Assim, talvez as crianças descubram que o mundo real tem muito mais a oferecer do que qualquer outro universo digital.

Guilherme Cordeiro

2º ano / Balneário Camboriú

2024